

A PRODUÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO NA TELENÓVELAS DA REDE GLOBO: REVISÃO CRÍTICA E ATUALIZAÇÃO CONCEITUAL¹

Renata Maldonado da Silva²

Resumo

O objetivo do artigo é o de examinar a produção social da educação nas telenovelas produzidas pela Rede Globo de Televisão, a partir da análise do discurso televisivo, identificando as concepções educacionais representadas nos artefatos culturais. Busca-se problematizar a centralidade dos fenômenos culturais no capitalismo tardio, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético. Consideramos que as telenovelas da Rede Globo de Televisão compõem um elemento de fundamental importância estratégica para a legitimação do *télos*³ pedagógico empresarial.

Palavras-chave: Telenovelas; Capitalismo Tardio; Educação; Empresariado

THE SOCIAL PRODUCTION OF EDUCATION IN THE GLOBO TV TELENÓVELAS: CRITICAL REVIEW AND CONCEPTUAL UPDATE

Abstract

The objective of this article is to examine the social production of education in telenovelas produced by the Globo Television Network (Globo TV) in Brazil. Based on the analysis of television discourse, the overarching goal was to identify the educational conceptions represented in cultural artifacts. This work seeks to problematize the centrality of cultural phenomena in late capitalism based on the theoretical-methodological assumptions associated to the historical-dialectical materialism paradigm. I consider that the telenovelas produced by Globo TV compound an element of fundamental strategic importance for the legitimation of the business pedagogical telos.

Key-words: Soap operas; Late Capitalism; Education; Entrepreneurship

LA PRODUCCIÓN SOCIAL DE LA EDUCACIÓN EN LAS TELENÓVELAS DE REDE GLOBO: REVISIÓN CRÍTICA Y ACTUALIZACIÓN CONCEPTUAL

Resumen

El objetivo de este artículo es examinar la producción social de la educación en las telenovelas producidas por la Rede Globo de Televisão, a partir del análisis del discurso televisivo, identificando las concepciones educativas representadas en los artefactos culturales. Se busca problematizar la centralidad de los fenómenos culturales en el capitalismo tardío, a partir de los presupuestos teórico-metodológicos del materialismo histórico-dialéctico. Consideramos que las telenovelas de la Rede Globo de Televisão componen un elemento de fundamental importancia estratégica para la legitimación del telos pedagógico empresarial.

Palabras clave: Telenovelas; Capitalismo tardío; Educación; Emprendimiento

¹ Artigo recebido em 20/05/2022. Aprovado em 02/08/2022. Publicado em 17/09/2022

² Professora Associada na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro desde 2013. Pertence ao Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem, ministrando disciplinas no curso de Pedagogia da instituição e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais. Pós-Doutora pela Universidade Nova de Lisboa e Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Desenvolve pesquisas sobre as articulações entre Estado e sociedade no Brasil após 1990, relações público-privado e novas orientações nas políticas educacionais no Brasil contemporâneo. E-mail: renmaldonado@uenf.br

³ O conceito de *télos* refere-se ao projeto político pedagógico produzido por classes ou frações de classe em um determinado contexto histórico, com o objetivo de construção do consenso. Ver Rodrigues (1998).

Introdução

As telenovelas no Brasil são, sabidamente, os programas mais populares e os de maior audiência de público das maiores emissoras privadas da rede aberta. Detêm a maior e a melhor fatia da grade de horário e, por conseguinte, atraem o interesse dos anunciantes e patrocinadores mais ricos, disputando com folga, juntamente com o setor de jornalismo das emissoras, a primazia de receber vultosos investimentos em infraestrutura de estúdios e equipamentos e de manter sob contrato o maior número de empregados fixos com salários acima da média do mercado. Apesar disso, no Brasil, a pesquisa e a produção científica voltada para a compreensão do papel da telenovela nas relações sociais de produção da educação há décadas têm se mantido em baixa, quando não decrescente. Finalmente, mas não menos importante, destaca-se ainda a baixa produção de trabalhos que abordem os artefatos culturais a partir das relações sociais de produção da vida material. Em geral, predominam nas pesquisas realizadas no âmbito da ideologia e da cultura uma visão idealista, que desconsidera a materialidade dos fenômenos culturais.

Um olhar retrospectivo sobre a Revista Brasileira de Educação (RBE) e para as principais editoras brasileiras indica uma lacuna gigantesca de trabalhos que analisem, do ponto de vista macro, o papel das empresas de comunicação – em especial das emissoras de TV – no cenário educacional brasileiro. Em geral, trata-se de análises que priorizam essencialmente o processo de recepção das mensagens transmitidas pelas mídias. Em 2010, se a constatação dessas lacunas motivou a emergência do tema da nossa tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, hoje, passados mais de uma década, motivos não muito diferentes me trouxeram ao presente artigo. Objetivamente, naquilo que se mostra essencial a uma abordagem crítica do objeto então examinado, seus pressupostos e conclusões, poucas alterações podem ser observadas no modo como a Rede Globo de Televisão projeta, produz e veicula uma teleologia educacional empresarial classista das Organizações Globo.

De uma forma específica, o que este artigo se propõe a examinar é a produção social da educação nas telenovelas produzidas e veiculadas pela Rede Globo de Televisão, trazendo uma reflexão sobre as concepções educacionais que presidem aquela representação, mediante a análise do processo de construção do discurso televisivo utilizado nas telenovelas. Partimos do pressuposto de que as articulações internas da classe empresarial brasileira, sob a liderança do setor produtivo industrial, são estratégicas para o estabelecimento e a manutenção hegemônica de uma teleologia

educacional voltada ao atendimento de suas necessidades privadas (fator econômico) e do seu controle político sobre toda a sociedade. Também consideramos que as telenovelas da Rede Globo de Televisão compõem um elemento de fundamental importância estratégica para a legitimação do *télos* pedagógico empresarial, sendo o seu papel central o de fomentar o consenso social em torno das orientações educacionais produzidas pela burguesia brasileira.

Outro pressuposto de igual importância a ser considerado no artigo é que as telenovelas transmitidas pela emissora são também parte integrante de um sistema composto por outros elementos da programação, como o jornalismo e programas de entretenimento. Em conjunto tem por escopo veicular o discurso educacional “Global” construído com seus parceiros de classe difundindo a ideia da educação como uma produção social subordinada aos princípios do capital humano e, por conseguinte, necessariamente mediada pelos interesses do mercado. Tendo em vista a necessária atualização do que consideramos central na tese de doutoramento acima mencionada, passamos em seguida ao método de análise adotado bem como aos elementos que compõem as categorias principais examinadas.

Da produção de cultura e a ideologia no capitalismo tardio

Entendemos com Jameson que

(...) o marxismo como o horizonte interpretativo necessário para que outros modos de interpretação possam ser efetivamente utilizados na leitura dos fenômenos culturais. A moldura de uma teoria social neomarxista seria, assim, a única capaz de mediar perspectivas teóricas conflitantes, e analisar os novos modos de subjetividades e experiência da cena contemporânea (JAMESON, 1994, p. 11).

No sentido contrário da moderna filosofia burguesa, a ontologia crítica objetiva investigar as leis gerais e particulares (aquelas que são específicas de determinados períodos) inerentes ao modo de produção vigente. O marxismo descarta, portanto, a fragmentação dos diferentes ramos do conhecimento humano, tal como ocorre no pensamento burguês. Nem mesmo a ciência e a arte possuem uma história autônoma, mas sua evolução é condicionada pelo curso de toda a história da produção social. Somente esta pode explicar de modo científico as transformações e os desenvolvimentos que perpassam singularmente em cada campo.

Embora a ontologia crítica estabeleça como eixo norteador a base econômica, os fenômenos superestruturais, tais como a literatura e arte, são determinados por esta somente de modo

secundário. Rejeita-se, portanto, a constatação disseminada pelo marxismo vulgar, de que haveria uma articulação mecanicista entre a infraestrutura e a superestrutura, pautada em relações de causa e efeito. De acordo com a perspectiva materialista histórico-dialética, um procedimento tão complexo e estratificado como o desenvolvimento histórico-social só pode ser compreendido a partir de uma emaranhada teia na qual estão presentes múltiplas interações. Este problema é explicitado por Engels (1894) em uma de suas cartas endereçadas a Walther Borgius:

(...) O desenvolvimento político, jurídico, filosófico, religioso, literário, etc., baseia-se no econômico. Mas todos reagem mutuamente um sobre os outros e, também, sobre a base econômica. Não é exato que a situação econômica seja a *única causa ativa* e todo o resto não passe de efeito passivo. Em lugar disso, há uma ação recíproca sobre a base da necessidade econômica, a qual - *em última instância* - sempre acaba por preponderar⁴.

No entanto, é importante salientar que Marx e Engels jamais contestaram a relativa autonomia de campos específicos do conhecimento humano, dos quais se destacam aqui as manifestações artísticas. Estas, dialeticamente, estariam inseridas e seriam determinadas pelo modo de produção em vigor. De acordo com os autores, o processo de relativa autonomia dos fenômenos ideológicos é explicável no interior do processo da divisão social do trabalho, pois os trabalhadores que se ocupam dos artefatos culturais têm a ilusão de pertencerem a um campo autônomo. No entanto, suas produções, assim como as demais, estão condicionadas ao desenvolvimento econômico.

Porém, os mesmos autores acima citados destacaram que, no decorrer da história das ideologias, houve uma ausência de equilíbrio entre os diversos níveis de desenvolvimento. Em relação à literatura, Marx afirmou, que, em determinados períodos históricos, em que ocorreu uma acentuada expansão artística, esta não se conectou diretamente com o crescimento da sociedade como um todo. Entre os seus exemplos, destaca-se a literatura romântica alemã do século XIX, cujos principais autores foram Goethe e Schiller, em um momento em que a Alemanha sequer era um Estado nacional. Seguindo as mesmas ideias, os autores marxistas propuseram a existência de um princípio da desigualdade do desenvolvimento no decorrer da história das ideologias. De acordo com este, as manifestações artísticas poderiam, inclusive, anunciar e prever elementos que ainda não estariam presentes ou inconclusos na infraestrutura econômica, conforme Attali analisou em

⁴ Ver em <http://www.scientific-socialism.de/FundamentosCartasMarxEngels250194.htm>, acessado em 19/05/2022.

sua obra *Bruits* (1977). Nesta, o autor afirmou que a música ocidental pôde antecipar etapas socioeconômicas que ainda não haviam se desenvolvido completamente.

Aplicando esta linha interpretativa ao objeto do nosso artigo, considera-se que o discurso veiculado pelas telenovelas globais traria elementos da macro política educacional implantada sucessiva e respectivamente pelos governos Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e Lula da Silva (2003-2010). Concomitantemente, a ontologia crítica exige que se investiguem também as leis particulares inerentes ao processo histórico presentes em contextos específicos, como é o caso dos produtos culturais no atual estágio do modo de produção capitalista. Este se caracteriza, sobretudo, por uma estreita aproximação entre os campos culturais e econômicos, sendo, portanto, a principal característica do capitalismo tardio. De acordo com Jameson:

Sucedendo os estágios do capitalismo de mercado e do monopolista ou imperialista, o capitalismo multinacional marca a apoteose do sistema e a expansão global da forma mercadoria, colonizando áreas tributárias de tal forma que não se pode mais falar de algum lugar “fora do sistema”, como a Natureza (dada a destruição de formas antigas de produção agrícola) ou o Inconsciente, constantemente bombardeado pela mídia e pela propaganda (JAMESON, 2000, p. 5).

Portanto, na atual conjuntura, a produção e o consumo culturais de massa por meio do desenvolvimento das tecnologias da informação e com a expansão do capital em nível global, estão articulados ao processo de mercantilização que atinge outros setores produtivos da economia no capitalismo tardio. Na medida em que os produtos culturais são integrados ao grande capital expandindo extraordinariamente a indústria cultural, tornam-se mais suscetíveis às imposições do mercado, sujeitando-se, por conseguinte, à forte influência das decisões empresariais como é o caso das telenovelas, conforme os pressupostos enunciados mais acima.

A partir dos argumentos utilizados por Fredric Jameson em *O inconsciente político* (1981), para quem “a defesa de um inconsciente político propõe que empreendamos justamente essa análise final e exploremos os múltiplos caminhos que conduzem à revelação dos artefatos culturais como atos socialmente simbólicos” (Idem, 18), analisaremos a perspectiva política contida nos textos das telenovelas globais. Este modelo interpretativo tem o objetivo de decodificar, através desta alegoria social, as relações que se estabelecem entre a superestrutura cultural e a base econômica, configurando os interesses de classe presentes na obra. A principal preocupação da crítica deve ser, portanto, a de apresentar uma interpretação que contemple os vários níveis de significação e os seus componentes. No caso das telenovelas a análise partiu das dinâmicas de construção do texto

e da sua relação com a infraestrutura econômica e suas bases sociais. Tal articulação foi analisada através da categoria “mediação”, definida por Jameson como:

[...] isto é, a relação entre os níveis e instâncias e a possibilidade de adaptação das análises e descobertas de um nível para o outro. A mediação é o termo dialético clássico para o estabelecimento de relações, entre, digamos a análise formal de uma obra de arte e seu chão social, ou entre a dinâmica interna do Estado político e sua base econômica (JAMESON, 1981, p. 35).

No caso do estudo das telenovelas buscou-se compreender as mediações que se estabelecem entre a produção desta obra e a sociedade, destacando os elementos que incidiriam nesta análise. Partindo desse ponto procurou-se apreender, como em Lukács (1965) o conjunto das relações de produção presentes no artefato cultural, superando assim a mera compreensão dos aspectos formais do gênero (novela, telenovela). Tal procedimento considerou em primeiro lugar a totalidade do fenômeno cultural, descartando, por conseguinte, um tipo de análise fracionada e compartimentada da realidade, garantindo, portanto, a posição de Marx e Engels de que a literatura não constitui um campo à parte no conjunto das relações sociais. Cabe dizer que o processo de análise considerou a literatura e, por extensão, o gênero novela como matriz da telenovela como ato simbólico (JAMESON, 1981), sendo que na abordagem materialista histórico-dialética a perspectiva individual ou de autoria são apreendidas como discursos classistas. Nesse sentido, nosso trabalho visou fundamentalmente decodificar os ideogramas intrínsecos aos artefatos culturais, estabelecendo a mediação entre as narrativas e seus valores de classe.

Ora, de acordo com os pressupostos da ontologia crítica, a ideologia do discurso de classe é construída sempre em relação à classe antagônica e é definido por esta oposição a ela. Nesse sentido, sua disposição é conceituada como dialógica em sua essência, de acordo com análise de Bakhtin (1981) sobre o tema. É estabelecido um embate entre discursos das diferentes classes sociais que fazem parte do texto, no qual o pensamento ideológico do grupo dominante busca a criação das estratégias de legitimação do seu poder. Ao mesmo tempo, no interior do próprio discurso, o grupo opositor procura desenvolver táticas que possam abalar os valores da classe que se encontra na posição contrária.

O autor russo defende a linguagem em uma perspectiva eminentemente social, no qual o seu desenvolvimento se relaciona com o processo de organização do trabalho e da luta de classes. Sua teoria serviu de base para análise de diferentes tipos de comunicação, destacando-se o processo artístico, conforme pretendemos abordar aqui. Os fenômenos comunicacionais, portanto, são

compreendidos à luz do conceito central de enunciado, definido pelo autor como “*unité de communication et totalité sémantique*” (TODOROV, 1981, p. 290). No que se refere ao discurso literário, o autor é o responsável pela elaboração dos enunciados, que são compostos por duas vertentes: por uma parte verbal e por outra subentendida, que é condicionada pelo auditório (neste caso, os telespectadores) e o contexto.

No entanto, é importante destacar que o conceito de obra é aqui compreendido a partir das indicações de Lucien Goldman (1979), no qual essa se articula diretamente ao comportamento de uma classe social, ultrapassando, portanto, a ideia de autoria a partir de uma perspectiva eminentemente individual, estando sua inteligibilidade vinculada ao grupo social ao qual o autor pertence ou à ideologia defendida por este.

Apontamentos sobre o projeto teleológico educacional empresarial brasileiro

A busca dos nexos existentes entre os pensamentos educacionais de empresários representantes de diversas frações burguesas constitui um aspecto importante para a apreensão da totalidade das relações presentes na produção social da educação nos moldes estudados aqui. Um dos principais braços institucionais das Organizações Globo a protagonizar o processo é a Fundação Roberto Marinho (FRM), criada em 1977 e, desde então, responsável pela mediação e articulação dos interesses educacionais encaminhados pelos diversos setores empresariais com as organizações do chamado “terceiro setor”⁵. Além da óbvia parceria da Rede Globo de Televisão, os projetos educacionais desenvolvidos pela FRM são patrocinados e apoiados por inúmeras organizações públicas e privadas, dentre as quais se destacam do setor industrial a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), o Instituto Roberto Simonsen (IRS), o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP), o Serviço Social da Indústria (SESI) e o Serviço Nacional da Aprendizagem Industrial (SENAI), estes últimos vinculados ao sistema Confederação Nacional da Indústria (CNI).

⁵ O funcionamento da FRM é condicionado aos mecanismos de captação de recursos provenientes do governo, nas suas três esferas, empresas privadas, associações e instituições de ensino. Atualmente, a instituição dispõe de ações em torno de cinco eixos: formação de professores, educação básica, educação profissional, mídias educativas e mobilização social. Dentre estes, a FRM executa mais de 20 modalidades diferentes de projetos. Ver: <https://www.frm.org.br/>. Acesso em 19/05/2022.

Além dessas parcerias, a Fundação Roberto Marinho garantiu à Rede Globo de Televisão convênios com organismos internacionais como a UNESCO e a Fundação Ford, e a manutenção de fortes laços com empresas estatais, como a Petrobrás e agências financiadoras de pesquisa, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), e, através do Ministério da Educação (MEC), diretamente com o governo federal. Da mesma forma as parcerias ocorrem com o setor de serviços por meio, principalmente, do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e do Serviço Social do Comércio (SESC), estendendo-se para o Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Microempresa (SEBRAE) e o poderoso setor financeiro através de parcerias com a Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN) e as maiores instituições bancárias do país, como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, o Bradesco e o Itaú.

Nas décadas de 1980 e 1990 coube a FRM desempenhar a importante e árdua tarefa de mediar interesses e construir o amplo arco de parcerias público-privado acima descrito, a partir do atual milênio foi delegado à Rede Globo de Televisão a primazia de colocar em prática um modelo teleológico contínuo, de caráter permanente, cujos referenciais educacionais remetem-se, subordinadamente, às orientações macro contidas nos documentos produzidos pelas agências e organizações multilaterais⁶, em articulação com o projeto burguês de sociabilidade imposto à classe trabalhadora (LIMA, 2019). Sua tarefa agora é consolidar o *télos* pedagógico do novo milênio, e, buscando atingir esse objetivo, a Central de Produções de Telenovelas da emissora há cinco décadas vem sendo gradativamente aprimorada. A pesquisa realizada na tese de doutorado comprovou que, desde a implantação da telenovela no Brasil, no ano de 1964 na emissora, a temática educacional vem sendo exaustivamente abordada sob diferentes ângulos. Ao longo dos 57 anos de sua história, a Rede Globo de Televisão tem enfatizado a importância da educação escolar em várias dos seus melodramas, permanecendo alguns, ainda hoje, presentes na memória dos telespectadores.

Curiosamente, no ano de 2007, que foi marcado pelo lançamento do ambicioso Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)⁷, durante a gestão do Partido dos Trabalhadores, constatou-

⁶ Dentre os mais importantes, cabe citar o “Relatório Delors”, elaborado pela UNESCO e relativa à educação básica, e o Acordo de Bolonha, assinado por 29 países europeus e adotado por inúmeros países de outros continentes, dentre eles o Brasil, relativo à reforma do ensino superior.

⁷ O PDE foi lançado em março de 2007, juntamente com o Plano de Metas Compromissos Todos pela Educação, a partir do decreto n 6064, de 24 de abril de 2007. Tinha por objetivo propor 41 ações para a educação. Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm. Acessado em 19/05/2022.

se um significativo aumento de interesse da emissora pelo tema que ocuparia então o centro de duas telenovelas do horário nobre, que foram, respectivamente “Sete Pecados” e “Duas Caras”⁸. Na primeira, “Sete Pecados”, que foi escrita por Walcyr Carrasco e dirigida por Jorge Fernando (2007, Rede Globo, Rio de Janeiro), uma instituição educacional pública desempenhou um lugar estratégico na trama. Esta telenovela teve relativa repercussão junto ao grande público, atingindo médias de audiência em torno de 30 pontos, segundo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE)⁹, na época. A trama tinha por proposta retratar o cotidiano de uma escola pública do ensino médio na periferia de São Paulo, na qual havia um importante núcleo de personagens que nela trabalhavam. O discurso produzido nesta narrativa, pela emissora, seus parceiros e pelo próprio autor, era o de enfatizar de que o Estado não dispunha integralmente de condições de arcar com a educação pública, e que a solução para este problema seria promover parcerias com a iniciativa privada ou, transferir funções para a sociedade civil, por meio do voluntariado ou da filantropia. Dessa forma, ao longo dos capítulos, não foram poucas as insinuações na trama de que a falência do sistema público educacional brasileiro está associada à falta de empenho dos trabalhadores do ensino público e à ausência ou desinteresse do Estado. Sugeria-se, com a mesma intensidade, que as políticas educacionais poderiam ser substituídas por campanhas filantrópicas, e, de forma subjacente, pelo trabalho voluntário da sociedade civil para a melhoria do ensino, reforçando uma das principais campanhas publicitárias veiculadas pela Rede Globo de Televisão: “Os Amigos da Escola”. Reforçava-se, assim, a concepção empresarial de que para tornar a educação básica verdadeiramente prioritária é indispensável convertê-la em “um serviço prestado e adquirido no mercado ou na filantropia” (FRIGOTTO, 2003, p. 59).

No mesmo ano de 2007, a novela “Duas Caras”, escrita por Aguinaldo Silva e dirigida por Wolf Maya esteve no ar no horário das 21 horas (2007, Rede Globo, Rio de Janeiro). Num dos núcleos centrais da trama, em um contexto de disputa do controle de uma instituição privada de ensino, estavam inseridos um considerável núcleo de personagens da trama, que tinham por objetivo difundir a importância do ensino superior privado como uma importante estratégia de ‘democratização’ ao acesso ao ensino superior. Coincidentemente, um dos pontos estratégicos do

⁸ A primeira apresentada às 19 horas e a outra apresentada às 21 horas, horários de grandes audiências e, por isso, considerados “nobres” pelos anunciantes.

⁹De acordo com o IBOPE, a média de 30 pontos é considerada aceitável para o horário das 19 horas, representando em torno de dois milhões e quatrocentos mil espectadores. Fonte: <https://www.otvfoco.com.br/audiencias-detalhadas/audiencia-sete-pecados-detalhada-ibope/>, acessado em 20/05/2022.

PDE lançado no mesmo ano pelo Governo Federal, em associado com o setor empresarial, foi o Programa Universidade para Todos (Prouni) e a expansão do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES). Nesse sentido, “Duas Caras” procurava em linhas gerais legitimar o papel do ensino privado como meio de inserção das classes trabalhadoras no mercado de trabalho. Além disso, defendia a participação do empresariado brasileiro na gestão das instituições educacionais, em articulação com o projeto de conciliação de classes difundido durante a gestão PT e reafirmou a incapacidade do Estado em gerenciar o grave quadro educacional que vem se instaurando nas últimas décadas.

Portanto, podemos inferir que os enunciados dos discursos das telenovelas da Rede Globo de Televisão visam produzir e difundir socialmente uma ideia de educação, ampara no projeto neoliberal e na chamada terceira via (PERONI, 2019), no qual ambos têm por objetivo, apesar de estratégias diferenciadas, de superar a “crise” do Estado. Especificamente as telenovelas visam legitimar os interesses da classe burguesa representada pelos parceiros dos setores produtivos, já mencionados anteriormente. Portanto, os fenômenos linguísticos aqui compreendidos são vistos como detentores de uma natureza social e outra ideológica, no qual a estrutura de enunciação do texto tem objetivos de produzir um discurso que vai interagir com o público e com o seu contexto de elaboração. A ênfase no caráter dialógico do discurso televisivo é fundamental para que se compreenda os conflitos de classe nele inseridos, vistos aqui por meio do modo como as questões educacionais são abordadas.

Na telenovela “Duas Caras”, por exemplo, a defesa do modelo privado do ensino superior está claramente demarcada, no qual as instituições públicas são desconsideradas pelas greves e mobilizações nas quais se inserem, ‘dificultando’ a conclusão dos alunos matriculados. A estratégia do programa televisivo, portanto, é a de defender as ideologias que legitimem o projeto neoliberal no campo educacional, a fim de obter o consenso social por meio dos seus enunciados. Nesse sentido, o discurso televisivo se articula às transformações que vem ocorrendo no campo educacional brasileiro desde meados da década de 1990, como o processo de Reforma do Estado brasileiro, baseado no neoliberalismo e nos pressupostos da terceira via. Neste contexto, a educação é retirada da esfera política e deslocada para o mercado, considerado como o principal parâmetro e o mecanismo autorregulador capaz de atenuar os conflitos sociais. A sociedade, portanto, deve ser convencida da incapacidade do Estado em gerenciar os problemas educacionais e propor a

solução dos conflitos sociais por meio de parcerias com a iniciativa privada ou com o chamado setor público não-estatal.

Atualizando algumas questões: apontamentos finais

Neste artigo buscamos problematizar a atuação estratégica dos meios de comunicação no atual estágio do modo de produção capitalista, por meio da análise de um dos artefatos culturais mais populares na sociedade: as telenovelas. Na medida em que as mídias atualmente transformaram-se em uma das principais formas de sociabilidade entre os indivíduos e o mundo, estas criaram novas modalidades de interação e de relacionamento entre estes sujeitos. No que se refere especificamente ao Brasil, em função da tardia inserção das classes trabalhadoras ao sistema público de ensino, aliada às altas taxas de analfabetismo ainda vigentes e à orientação do Estado e das classes dominantes brasileiras em promover o desmonte da rede educacional pública, este processo vem ocorrendo de modo acentuado. Nas primeiras décadas do século XXI, apesar do discurso governamental voltado para a universalização da educação básica e em busca de aprimorar a “qualidade” educacional, podemos constatar que, em função das desigualdades sociais inerentes aos países periféricos ao capitalismo central, o direito à educação para as lasses trabalhadoras ainda necessita ser assegurado.

O golpe empresarial-militar de 1964 e a posterior instauração de uma ditadura, associada ao processo de internacionalização da economia pode ser vista como um divisor de águas no modelo educacional brasileiro. De um lado, iniciou-se o desmonte do sistema público de ensino, na medida em que a ditadura militar aprofundou a atuação do setor privado na educação. Paralelamente, o mesmo período foi marcado pela implementação da indústria cultural, no qual a televisão foi um dos principais beneficiados pelo mesmo regime ditatorial. Por outro lado, esse processo possibilitou a democratização dos bens culturais e simbólicos à grande parte da população, anteriormente excluída. Não obstante, as transformações operadas na economia brasileira provocariam um duro golpe no sistema educacional público, cuja qualidade, por falta de investimentos, entraria em declínio por décadas seguidas¹⁰. Tais circunstâncias viriam favorecer a

¹⁰ Além da dificuldade de acesso ao ensino público por parte da população em geral, a ditadura acentuou o analfabetismo de jovens e adultos, fato que se encontraria um início de solução com a restauração da democracia republicana a partir dos anos 1990, mas que foi interrompido pelo projeto neoliberal.

hegemonia televisiva, que se apresentaria como o principal referencial da população em geral, sobretudo para as classes pobres, na medida em que a tomariam como a principal fonte de lazer, entretenimento, informação e cultura. Nesse sentido, o que se observou foi a transferência do poder simbólico da dimensão pedagógica das instituições escolares públicas para os conglomerados empresariais de comunicação, especialmente as redes de televisão. Portanto, passamos de uma realidade na qual as classes trabalhadoras não puderam dominar os procedimentos necessários à sua educação formal para a hegemonia da cultura audiovisual, sendo o “vídeo a forma de arte por excelência do capitalismo tardio” (JAMESON, 2000, p.7)¹¹.

Este processo se revela problemático no caso brasileiro devido à opção pelo modelo privado/comercial televisivo, marcado também pela acentuada concentração empresarial. Isso possibilitou que os oligopólios culturais estabelecessem as diretrizes da sua programação, baseada nos seus interesses empresariais e nas suas articulações comerciais com o Estado e com outras frações da burguesia. Nesse sentido, como se tentou identificar, o discurso televisivo passa a atender aos anseios exclusivamente mercadológicos, sendo utilizado como justificativa para corroborar fundamentalmente os interesses da burguesia do setor de comunicações. No entanto, resta-nos perguntar: como quebrar esse esquema? Não é casual, portanto, que um crítico cultural como Jameson (2000) tenha apontado para o problema da interpretação no capitalismo tardio, predominantemente visual. De acordo com o autor, esta difere radicalmente do dilema interpretativo anterior, hegemonicamente temporal. Contudo, mais uma vez a dúvida retorna: como possibilitar que a classe trabalhadora tenha acesso aos códigos interpretativos, que são de fundamental importância nesse estágio do sistema, para desvendar as armadilhas do capital?

Nas atuais circunstâncias, é fundamental compreender que as formas culturais predominantes em um determinado período são estabelecidas pelos principais agentes sociais de uma dada formação social. Tal como ocorre no presente com as chamadas redes sociais (Facebook, Instagram, Twiter etc.), o objetivo desde sempre é disseminar ideologias que busquem justificar sua posição de classe. De fato, essa questão já havia sido analisada no século XIX pelo jovem Engels, ao preocupar-se em problematizar as teorias literárias de seu tempo. O autor percebeu a importância da literatura como um estratégico *front* contra as permanências da ideologia burguesa na consciência dos trabalhadores, pois isto poderia apartá-los das lutas quotidianas. Nesse sentido,

¹¹ Não por acaso, o sistema televisivo brasileiro aberto vem sendo gradativamente ocupado pelas emissoras neopentecostais, que disseminam a teologia da prosperidade junto às classes mais pauperizadas da sociedade.

como afirma Lukács (1975), o tempo dedicado pelos autores marxistas à teoria e à crítica literária se articulam, sendo também parte importante do projeto destes em elaborar, consolidar e defender os interesses dos trabalhadores.

Na medida em que a atual lógica do capitalismo tardio é cultural, como Jameson (2000) apontou em sua obra, o mesmo autor salienta que o potencial transformador deve ser buscado neste mesmo âmbito. Por isto revela-se cada vez mais imprescindível a problematização dos artefatos culturais na sociedade atual, pois estes expressam a relação entre o homem e o mundo. De acordo com Kosik, a arte, juntamente com a filosofia, são os dois principais meios existentes para que o homem conheça a realidade em seu conjunto de descubra a verdade da realidade através da autenticidade. Portanto, “a arte, no próprio sentido da palavra, é desmistificadora e revolucionária” (KOSIK, 2002, p.130) Ao mesmo tempo em que esta reconhece a realidade, ela também é criadora e, nesse sentido, encontra-se presente o seu caráter libertador.

A defesa de uma arte que auxilie a classe trabalhadora a desvendar as armadilhas intrínsecas à sociedade de classes e principalmente, as convoque à ação, torna-se imperativo no capitalismo tardio. Afinal, conforme Fischer (1973, p. 20) aponta “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo”. Isto se articula, ainda, à defesa de um trabalho educativo que possibilite o conhecimento da realidade histórica e da tomada de consciência mais ampla, se constituindo em um elemento de ação política (FRIGOTTO, 2003). Nesse sentido, os processos educativos, assim como os artefatos culturais, devem em última instância priorizar a humanidade e não atender exclusivamente às demandas produtivas, conforme o mesmo autor salientou. Contudo, tamanho conjunto de questões nos remete obrigatoriamente a outro problema, de fundamental importância para o nosso tema da ditadura do capital financeiro.

No presente século, a consolidação da hegemonia do capital financeiro se fez acompanhada e complementada pelo modelo neoliberal no campo educacional¹². Neste quadro, o Estado brasileiro optou em defender os interesses da burguesia empresarial do ensino, através da expansão das instituições privadas de ensino e o acirramento do desmonte do sistema público. Além disso, criou estratégias de cooptação da sociedade civil com o objetivo de encobrir o conflito capital x trabalho, tais como o incentivo ao voluntariado, por exemplo. No entanto, que estratégias levaram a classe trabalhadora a aceitar a retirada gradual do Estado no âmbito educacional? Como explicar

¹² Ver Oliveira (2001).

a naturalização do trabalho voluntário ao invés de buscar formas de organização que pressionem o Estado a promover uma política educacional mais digna?

Além disso, o processo de reorganização do Estado focalizou o financiamento indireto de grupos privados, renomeados de “terceiro setor” a fim de suprir as inúmeras carências existentes na sociedade, sobretudo no âmbito educacional. Novamente, surge a indagação: embora se saiba que a ação dos meios de comunicação tenha sido estratégica na disseminação do novo *télos* pedagógico nacional, que mecanismos possibilitaram a criação de uma intersubjetividade no plano das ideias e dos valores pela classe trabalhadora acerca das políticas educacionais impostas pelo Estado e pelo empresariado? Como explicar a naturalização deste modelo educacional, que estimulou o apartamento dos trabalhadores pobres, apesar de mantê-los formalmente inseridos? Naturalmente, surgem algumas pistas. O refreamento das lutas de classes em nível global, em função do processo de reestruturação produtiva, que gerou a desmobilização da classe trabalhadora, seriamente afetada pelo desemprego pode ser um indicador. Destaca-se ainda, o crescimento do trabalho precário e, principalmente, as mudanças na própria configuração da classe trabalhadora, como Antunes (2005) brilhantemente apontou. Talvez uma das chaves da resposta já tenha sido apontada sabiamente pelo velho Marx:

Serão antes os homens que, desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos desse pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência (MARX, 1976, p. 26).

Em função da complexidade das questões aqui envolvidas, decerto, não se pretende aqui esgotá-las. Entretanto, devemos ressaltar mais uma vez, a proposição de Jameson, no qual a historicização, sobretudo do trabalho interpretativo, revelou-se uma categoria fundamental, a fim de que se possa realizar o chamado mapeamento cognitivo. De acordo com ele, este forneceria os elementos para que possa compreender esta nova realidade cultural e sociopolítica e, a partir desta propor novas estratégias políticas e uma nova política cultural. Afinal, uma das precondições inerentes ao processo transformador é a compreensão das forças reais que movem este processo. Em função disso, concluindo em acordo com o crítico estadunidense o resgate da utopia como uma possibilidade de projeção de um mundo radicalmente distinto, que estabeleça uma ruptura com a ordem presente:

Mais ce n'est pas seulement l'universalité invincible du capitalisme qui est en question: ce capitalisme qui défait inlassablement toutes les avancées sociales acquises depuis les premiers mouvements socialistes et communistes, abroge toutes les mesures d'aide et de sécurité sociales, supprime le droit syndical et les lois de régulation industrielle et écologique, propose de privatiser les retraites et, bien sûr, de démanteler tout ce qui, partout dans le monde, fait obstacle au libre-échange. Ce n'est pas l'absence d'ennemi qui constitue un handicap, mais plutôt la croyance universelle que non seulement cette tendance est irréversible, mais que les alternatives historiques au capitalisme se sont avérées non viables et impossibles, qu'un autre système socio-économique est inconcevable, et encore moins disponible en pratique (JAMESON, 2007, p.15).

Referências

ANTUNES, Ricardo. **A Desertificação Neoliberal no Brasil (Collor, FHC, Lula)**. 2ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

ATTALI, Jacques. **Bruits**: essai sur l'économie politique de la musique. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

FISCHER, Ernest. **A Necessidade da Arte**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a construção democrática no Brasil**: da ditadura civil-militar à ditadura do capital. In: In: FÁVERO, Osmar; SEMERARO, Giovanni (orgs.). **Democracia e Construção do Público no Pensamento Educacional Brasileiro**. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAMESON, Fredric. **O Inconsciente Político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Editora Ática, 1981.

_____. **Espaço e Imagem**: teorias do pós-moderno e outros ensaios de Fredric Jameson. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

_____. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2000.

_____. **Archéologies du futur**: le désir nommé utopie. Paris : Max Milo Éditions, 2007.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LIMA, Kátia Regina de Souza. Educação superior em tempos de ajustes neoliberais e regressão de direitos. **Revista Katálysis**, v. 22, p. 525-535, 2019.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

_____. **Marx e Engels historiens de la litterature**. Paris: L'Arche Editeur, 1975.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Vol. I. Portugal: Editorial Presença; Brasil: Livraria Martins Fontes, 1976.

OLIVEIRA, FRANCISCO de. A nova hegemonia da burguesia no Brasil dos anos 90 e os desafios de uma alternativa democrática. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (orgs.). **Teoria e Educação no Labirinto do Capital**. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

PERONI, Vera Maria Vidal; DE OLIVEIRA, Cristina Maria Bezerra. O marco regulatório e as parcerias público-privadas no contexto educacional. **Práxis Educacional**, v. 15, n. 31, p. 38-57, 2019.

RODRIGUES, José. **O moderno príncipe industrial**: o pensamento pedagógico da Confederação Nacional da Indústria. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **Mikhail Bakhtin**: le prince dialogique. Paris: Seuil, 1981.